

A LITERATURA DE CORDEL: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA SUSTENTADA NA TEORIA PROGRESSISTA DE GEORGES SNYDERS

Stérfane Araújo Ferreira

*Universidade federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns,
sterfaneferreira@hotmail.com*

Bianca dos Santos Silva

*Universidade federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns,
biankadssilva@gmail.com*

Dayane Maria da Silva

*Universidade federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns,
Dayane_maria@hotmail.com*

Maria Lucicleide da Silva Berto

*Universidade federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns,
marialucicleideeas@hotmail.com*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir apoiado em uma pesquisa-ação a inserção da literatura de cordel como uma nova alternativa para o ensino de história, a partir da perspectiva de cultura cultivada e obras primas de Georges Snyders. Partindo do pressuposto de que um dos grandes desafios do professor em sala de aula é ensinar numa perspectiva de problematização, que leve os alunos a refletirem sobre diferentes épocas a partir de diferentes fontes históricas, visto que o enclausuramento ao livro didático como único recurso, além de deixar o ensino mecanizado, tira o prazer do aluno por aprender. Dessa forma, se busca resgatar o aluno para o centro da prática educativa, por meio de um ensino prazeroso e significativo.

Palavras-Chaves: Literatura de cordel. Fontes históricas. Cultura cultivada. Obras primas

INTRODUÇÃO

No século XVII, o fazer da escola estava atrelado às concepções religiosas, assim não havia nenhuma preocupação com a alegria e com o prazer na escola já que na época acreditava-se que, quanto mais prazeroso, mais se aproximava do pecado. No século XIX, é instituído o estado laico, a escola se desprende dos ideais religiosos e sobre influência dos pensamentos de Rousseau e das teorias escolanovistas, começa-se a reconhecer as especificidades da criança, aí se admite que a escola tenha sim que ser feliz, assim, surge o que hoje conhecemos como lúdico.

Para Snyders, a alegria na escola não está ligada ao uso de atividades lúdicas, e ao contrário da escola nova, ele defende a obrigatoriedade. Para o autor, a alegria na escola seria

o prazer em aprender, através da cultura cultivada, que seria os conhecimentos relevantes para a humanidade e o uso das obras-primas, que seriam as produções do homem que resistiram ao tempo. Atribuindo um significado ao que é estudado, e conseqüentemente atingindo a motivação necessária para o ensino-aprendizagem.

O ensino de História, por exemplo, sempre muito tradicional, acaba por desmotivar os alunos, visto que, o único instrumento utilizado pelo professor é o livro didático, que já apresenta as informações condensadas de modo a não excitar no aluno a criticidade e a curiosidade. O ensino de História, geralmente, se resume no ato de decorar datas e acontecimentos de forma mecânica e chata. Deste modo, tendo como referência a teoria de Snyders, que apresenta um modo de se alcançar o prazer em estudar, o presente trabalho tem por objetivo, apresentar e discutir a utilização da literatura de cordel como fonte histórica para a reflexão da história local, em especial a pernambucana, pois, essa é uma arte que se difundiu na região do Nordeste e é pouco utilizada na escola como um recurso didático. Os livretos de Cordel apresentam narrativas de grandes acontecimentos, ou até mesmo acontecimentos cotidianos, que possibilitam aos alunos uma maior proximidade com a cultura local, de modo prazeroso e motivador.

Sobre a pedagogia progressista de Georges Snyders

A proposta de Snyders, de transformar educação em uma relação de sociedade e escola em que se processa a luta de classes, começou a ser difundida a partir de meados da década de 70, tornando-se uma referência para muitos pedagogos e estudiosos brasileiros, como Dermeval Saviani e José Carlos Libâneo. Em suas obras, podemos detectar uma corrente de pensamento que vai se aperfeiçoando ao longo dos anos, o autor tem um leque de obras que foram resumidas em dois conjuntos, com títulos diversos que são segmentados em uma mesma linha de pensamento, sendo: Pedagogia Progressista (1974), Para onde vão as pedagogias não-diretivas (1974), Alunos Felizes (1993), Feliz na Universidade (1995), Alegria na escola (1988), A escola pode ensinar a alegria da música? (1997), Escola, Classes e Luta de Classes (2005). Obras que foram muito importantes na trajetória do autor. Contudo, o presente artigo dará ênfase à obra A alegria na escola, publicada em 1986, na França, e somente em 1988 traduzida para a língua portuguesa.

Snyders dedicou-se a escrever sobre a alegria no período de 1982 a 1993, especificamente, sobre a alegria na escola, ou seja, a alegria que a escola pode proporcionar aos alunos, alegria essa que se caracteriza com a transformação da sociedade. Desde o início,

deixou explícito em suas obras que a alegria nas instituições de ensino ocorre através da Pedagogia Progressista. Segundo Snyders:

É precisamente para não esquecer a infelicidade dos outros, para ter a força para participar das lutas, que tenho necessidade da satisfação, (...). Satisfação bem intensa para fazer sentir que vale a pena viver, satisfação da cultura que me farão sentir o possível desabrochar do homem (...) e a satisfação de persuadir-me de que sou capaz de juntar-me a esses esforços. (...) “nada pode pela felicidade de outrem, aquele que não sabe ser feliz ele próprio” (Snyders, 1988, p.21)

É visível em todas suas obras, a proposta de uma pedagogia progressista de inspiração marxista, que leva em consideração as marcas da sociedade na educação e na escola, espaço que deveria constituir-se um local que também se implanta as lutas de classes.

Há também em suas obras, uma crítica à Educação Tradicional e a Educação Nova, buscando pontos positivos e negativos entre elas.

Numa crítica à educação tradicional, Snyders afirma que essa já não cumpre seu papel, assim, a educação nova surge em decorrência de suas falhas, mas, que também não as supera. Partindo disso, o autor formular sua proposta de trabalho, iniciando um processo de “pensar que se pode abrir um caminho a uma pedagogia atual; que venha a fazer a síntese do tradicional e do moderno: síntese e não confusão” (SNYDERS, 1974, p.09-10). O objetivo é definir os limites da educação tradicional para superá-los com essa nova forma de educação, em que pode ser feita a relação de ambas as partes, colhendo os pontos positivos de cada pedagogia para formar uma nova forma de educar.

Sua proposta é elaborar uma pedagogia que, de fato, possibilite a alegria de ensinar e aprender, que forme o indivíduo que atua na sociedade e que tenha consciência do seu papel.

Para Snyders, o problema da Educação tradicional está, principalmente, na forma como é feito e encarado os conteúdos de ensino, pois, “se a escola não se fundamenta sobre o atrativo dos conteúdos, corre o risco de especular o temor, temor de sanções imediatas e principalmente temor de grandes fracassos tão frequentemente profetizados” (SNYDERS, 1988, p.190). O autor ainda enfatiza que mesmo com vários erros na educação tradicional, essa não deve renunciar aos métodos escolhidos como modelo para o ensino, pois, esses podem ser mudados de acordo com o tipo de sociedade que se quer formar.

Além dos pontos negativos, ele aponta também os positivos, entre eles o autor destaca dentro da abordagem marxista, a necessidade de ter professores como orientadores, dando apoio para que a criança, no seu processo de ensino-aprendizagem, possa formar um

autodomínio e disciplina, justificando a necessidade de existir a Educação escolar, pois o cotidiano e o mundo por si só, não supriria as necessidades do aprender.

Já em relação à Educação Nova, Snyders nos alerta para uma pedagogia eventualmente perigosa, quando afirma que:

Aquilo que existe de muito importante na pedagogia não-diretiva é o desejo da felicidade do aluno, (...). Mas o que nessa pedagogia me parece perigoso é o risco de conformismo, porque o desejo dos alunos não vai, por si próprio, além dos seus limites de classe social, bem como um risco de cepticismo, por não se ousar, não se poder ousar, fazer com eles um trabalho de aprofundamento e desmascaramento das ideologias. O meu sonho consistiria em unir os valores positivos da pedagogia não-diretiva a um processo que jogaria também com os conteúdos do ensino e com as idéias de que os alunos devem se apropriar (SNYDERS, 1984, p.21).

Nessa perspectiva de educação, o autor acredita que deixa a desejar pelo fato do aluno ficar à mercê da construção do seu conhecimento, tornando uma coisa neutra e sem propósito para a sua formação como estudante, assim, essa forma de educação não supera a educação tradicional, visto que, a mesma não resolve as lacunas que diz encontrar na educação tradicionalista.

Ao mostrar sua visão sobre as duas formas de educação, Snyders não busca estabelecer uma relação ente ambas, mais sim construir uma pedagogia marxista, visando conscientizar a sociedade do seu papel na educação, e que usem da escola como fonte de luta e busca por conhecimentos, a escola passaria a ser um lugar de satisfação cultural, onde não existiriam classes, mas, união por um mesmo objetivo: alunos críticos que buscam a felicidade no local que constroem seus conhecimentos, contribuindo na transformação da escola.

Assim, a pedagogia progressista proposta por Snyders, torna-se uma tendência que sustenta implicitamente as finalidades de uma política educacional, tornando claro e evidente que a mesma não tem condições reais de ser aplicada em uma sociedade capitalista.

A alegria na escola na perspectiva Snyders

Quando falamos sobre alegria na escola na perspectiva de Snyders, estamos falando de uma relação construída pelos alunos com os conhecimentos considerados relevantes para a sociedade.

Ao reconhecer a alegria como uma função da escola, o autor afirma que a escola precisa estar atenta ao presente, pois, o preparo para o futuro depende das alegrias presentes. Dessa forma, de acordo com Snyders (1993, p.28):

Os métodos e as atitudes que a escola introjeta servirão ao sucesso posterior do aluno e são os mesmos dos quais ele já necessita no presente para sentir alegria. A alegria presente da criança exige um certo autogoverno e um controle de suas ações – e a existência adulta terá que manter e desenvolver essas aquisições.

Cabe à escola encontrar o ponto de equilíbrio ao preparar a criança para ser um adulto e lhe oferecer momentos de prazer dentro do ambiente escolar.

Quando publica *A alegria na Escola*, o autor não seus ideais marxistas, na verdade há um aprofundamento nas discussões de temas que vão além da luta de classes e que estão inseridos na sua proposta de pedagogia progressista. Os três pontos que Snyders trabalha em sua obra são: o desejo de renovação da escola, sua função e as relações com a cultura. Seu principal objetivo com a obra é proporcionar alegria e ao mesmo tempo propor uma renovação dos conteúdos culturais, assim, “a escola deveria ser um lugar em que ocorre *satisfação* cultural e existencial” (JUNIOR, 2014). Portanto, em seu livro o autor buscar discutir a alegria dentro da escola e apresentar uma cultura que seja satisfatória e transformadora para o aluno.

Alternativas para um ensino com alegria na escola

Na contemporaneidade, o que mais se discute são práticas inovadoras que possam ser efetivas no processo de ensino e aprendizagem, visto que o método tradicional, que perdura até hoje, não dá frutos. Nas aulas de história esse fato do uso de uma metodologia tradicional é agravado, pois a única ferramenta utilizada pelo professor é o livro didático que “é, de fato o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso a educação escolar” (FONSECA, 2003 p.49) não que o livro didático seja algo ruim, mas a forma na qual ele é usado, leitura de textos, sem reflexão alguma e responder aquelas questões que nem influi e nem contribui com a aprendizagem do conteúdo, outro ponto negativo do livro didático de História é a forma em que o conteúdo é organizado, sintetizado, Mendes (1935) *apud* Nadai (1993) afirmam que:

Nossos adolescentes também detestam a História. Voltam-lhe ódio entranhado e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimento que o ‘ponto’ exige, ou se valendo levemente da ‘cola’ para passarem nos exames. Demos ampla absolvição à juventude. A História como lhes é ensinada é, realmente, odiosa” (p.01)

Alguns professores tem ciência da ineficiência do ensino tradicional, o quanto desmotiva os alunos, e em virtude disso alguns buscam inovar suas aulas, “no sentido de encontrar soluções para a melhoria da qualidade das aulas, são inúmeras e o esforço do professor no sentido de adaptar metodologias de ensino com conteúdos específicos é grande” (FONSÊCA, 2008, p. 5) Como uma alternativa para melhorar a qualidade do ensino da história tomaremos como referência a ideia explicitada na obra *Alunos Felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*, de Georges Snyders (1993), no qual se refere à:

Convivência com a “cultura cultivada” que culmina na relação entre o aluno e os mais belos resultados atingidos pela cultura, as grandes conquistas da humanidade em todos os campos, desde poemas até descobertas prodigiosas e tecnologias inacreditáveis” (p. 32)

Assim uma alternativa para alcançar a alegria nas aulas, especificadamente nas de história, a motivação do aluno para as aulas é o uso da literatura de Cordel, que Segundo Lacerda e Neto (2010) é:

um folheto com poemas rimados, que trata de temas diversos, que vão de romances, histórias de valentia, humor, oração, até aos últimos acontecimentos do dia a dia. O nome “cordel” vem da Península Ibérica [...] deve ao costume, na Espanha e Portugal, de se colocarem os livretos sobre barbantes (cordéis) estendidos, em feiras e lugares públicos, de forma semelhante à roupa em varal.” (p. 224)

Visto que as histórias contidas na maioria dos livretos de cordel são de acontecimentos históricos ou do cotidiano, o que pode ser uma ferramenta para possibilitar ao aluno uma forma alternativa e divertida de se conhecer o contexto histórico a partir da leitura dos cordéis, sobre essa perspectiva Alves (2008) diz que:

Abordar a presença da Literatura de Cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre as concepções de leituras, literatura e ensino [...] Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais [...] Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais.” (p.108)

Além da possibilidade de trabalhar algo mais restrito, como a historicidade nas entrelinhas dos versos do cordel, pode-se trabalhar em um sentido interdisciplinar. Se a atividade proposta é para os alunos escreverem cordéis recontando um fato histórico, ele mobilizará habilidades de outras disciplinas, possibilita o aprimoramento da escrita, reflexão e

interpretação, se solicitada a declamação dos versos trabalha a oralidade “Considerando que esta modalidade de cultura se apresenta de várias formas, oral, escrita, declamada e cantada, entende-se que ela apresenta inúmeras possibilidades pedagógicas” (SANTANA, 2006 p. 1). Assim “O desenvolvimento de atividades interdisciplinares que promovem tanto a aprendizagem de conteúdos significativos, quanto à aproximação dos alunos à cultura popular” (SANTANA, 2006, p. 1), o que é de suma importância para desmistificar que a cultura popular não tem valor significativo, quando na verdade tem sim, e esse valor desse ser trabalhado em sala de aula, dessa forma, o uso da literatura de cordel no processo de ensino e aprendizagem possibilita metodologias voltadas á construção do conhecimento de uma forma crítica, reflexiva e bem próxima da realidade.

Dessa forma, o texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima, mas também contextuais, o que serve de ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país (ALVES, 2008, p.10).

É importante reconhecer a literatura de cordel como uma fonte histórica, e sua potencialidade em trabalhar além dos acontecimentos históricos, mas os folclóricos também, é um veículo que possibilita conhecer e entender a cultura, em especial a nordestina, na qual esse tipo de literatura foi mais difundido. Ainda sobre a questão do desenvolvimento do senso crítico no aluno, a literatura de cordel se encaixa no que é descrito no PCN, parâmetro curricular nacional:

(...) são favorecidos os trabalhos com fontes documentais e com obras que contemplam conteúdos históricos. (...) O confronto de informações contidas em diversas fontes bibliográficas e documentais pode ser decisivo no processo de conquista da autonomia intelectual dos alunos. Pode favorecer situações para que expressem suas próprias compreensões e opiniões sobre os assuntos, investiguem outras possibilidades de explicação para os acontecimentos estudados. (BRASIL, p. 65)

Para Grillo (2003), “A literatura de cordel pode ser trazida para a sala de aula como uma linguagem alternativa para o estudo da História. Ao relatarmos os acontecimentos de um determinado lugar num determinado período, os folhetos se transformam em memória, em registro e em documento”. Ela afirma ainda que “o folheto de cordel se transforma numa rica fonte de pesquisa para a história, para a sociologia, para a antropologia e para a literatura” (p. 117). Além desses pontos abordados por Grillo, o fato do folheto de cordel ser escrito de uma forma leve, uma linguagem informal, e as vezes com humor, faz com que seja de fácil

entendimento pelo aluno e lhe proporcionará prazer, o que gera como consequência alunos motivados e melhores resultados na aprendizagem do ensino de História.

Os folhetos tornam públicos acontecimentos sensacionais, traduzem as notícias da imprensa da capital para a linguagem do habitante do sertão, e as interpretam como o público gostaria de ouvi-las, mudando-as muitas vezes e dando-lhes novas funções e significados. (...) devemos analisar os fatos históricos não somente a partir das versões oficiais, da fala dos políticos e jornais tendenciosos, mas também através das representações dadas pelos poetas de cordel, através dos folhetos, que mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles.” (GRILLO, 2003, p. 118 e 119).

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa-ação em uma escola da rede municipal de Garanhuns-PE. A qual terá como objetivo central, propor uma ampliação nos recursos didáticos utilizados pelo professor referente ao ensino de História no contexto de sala de aula, optando por inserir dentre tantas fontes a linguagem literária do cordel.

A pesquisa-ação é aquela que além de compreender, visa intervir na situação com vistas a modifica-la. (...)Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

(SEVERINO, 2013, p.120)

Os critérios priorizados para a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa, foram os seguintes: alunos matriculados no 5º ano do ensino fundamental, que já tivessem com escrita e leitura consolidadas, para compreender melhor o grande leque de vestígios que podem ser utilizados para investigação histórica, afim de compreender as características de uma determinada época a partir dos versos de um cordel. Compreendendo assim o ensino de História para além do conteúdo pragmático do livro didático.

. A professora que participou da pesquisa é licenciada em Pedagogia e atua há 10 anos com a educação. Os participantes terão sua identidade preservada e não será utilizado neste trabalho nenhum tipo de informação provinda dos sujeitos sem o consentimento dos mesmos. Para a realização e obtenção de resultados da pesquisa foi necessário fazer uso de instrumentos que permitiu coletar os dados no campo da pesquisa. Desse modo, esta pesquisa recorreu inicialmente ao uso da observação, com objetivo de diagnose, observando assim, quais os recursos que o professor utiliza para ministrar as aulas de

História. Segundo Ludke e André (2012), a observação permite a captação de dados, onde nenhum outro instrumento seria capaz, pois a observação leva o pesquisador a campo para ver como os fenômenos acontecem espontaneamente. Para contemplar questões que não ficaram claras durante a observação, fizemos uso da entrevista semiestruturada para identificá-las, e para analisar os dados obtidos após a aplicação da intervenção, de modo que a “entrevista permite a captação imediata e corrente da informação, promovendo uma interação entre quem pergunta e quem responde” (LUDKE e ANDRÉ, 2012). Utilizamos também o questionário para identificar o perfil dos alunos da turma para construção da intervenção.

DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

A partir das observações realizadas, foi possível perceber, que em mais um contexto a realidade era a mesma: o uso predominante do livro didático como recurso único para ministrar as aulas de história. Pautado na resolução das atividades propostas no livro referente a cada assunto abordado. Em análise ao livro didático de história usado pela turma, escrito por Maria Helena Simielli e Anna Maria Chalier, da editora Ática da coleção Ápis História – 5º ano, podemos constatar que o mesmo apresenta assuntos de forma estritamente resumida, sem uma problematização que leve o aluno a reflexão. Em entrevista com a professora da turma, em questão aos conteúdos do livro, ela nos disse que:

“Sinceramente o livro usado esse ano é horrível, não dá para trabalhar todo os conteúdos com ele, porque nem tudo que vem na proposta curricular tem no livro, mais quando tem o assunto eu trabalho com o livro, história já não é lá essas coisas e quando é para trabalhar uns assuntos chatos desses os alunos nem gostam.”

Com base na fala da professora podemos notar que a mesma afirmou achar o livro um recurso pobre, no entanto está presa a ele para ministrar suas aulas. Para saber o que os alunos achavam das aulas de história, recorreremos a utilização de um questionário com perguntas abertas, no qual havia questões referentes a forma de ensino na disciplina de história entre elas, a seguinte: O que você acha da disciplina de história? Como costuma ser as aulas de história que você tem ou já teve?

Aluno I - *“Eu não gosto muito de história é muito difícil, as questões do livro são complicadas para responder, não consigo entender bem, são sempre falando de negros, índios, escravidão...”*

Aluno II - *“Acho legal, mais as vezes é muito difícil de responder as questões, não entendo bem”*.

Com base nas falas dos alunos, podemos perceber que há uma grande dificuldade para se compreender a linguagem proposta no livro, desse modo, optamos por introduzir a linguagem do cordel, por se tratar de um vocabulário simples, com poucas páginas e que trazem também as xilogravuras e as histórias contadas em rimas, afim de chamar atenção do aluno. As intervenções foram feitas em três dias seguidos, com variação no tempo utilizado.

Para iniciar a intervenção, utilizamos uma roda de conversa, para saber se os alunos já conheciam o cordel, em seguida explicamos suas principais características e apresentamos alguns cordéis com várias temáticas aos alunos para que os analisassem. Em seguida pedimos que destacassem: título do cordel, o cordelista que escreveu, em que ano foi escrito, descrever o com suas palavras qual o assunto central tratado ao longo do texto e por fim, representar por meio de uma xilogravura o assunto do cordel.

Ao fim das atividades, cada aluno apresentou seus resultados para turma e juntos discutiram sobre as semelhanças e diferenças presentes nos folhetos.

Para direcionar melhor o uso do cordel no ensino, optamos por utilizar cordéis que retratasse algo próximo do que os alunos viviam, afim de resgatar a teoria de Synerds, priorizando o estudo com a cultura cultivada e as obras primas, tais como: A cultura Nordestina veio me visitar, O lamento do agricultor e sua família ambos escritos por uma cordelista local, Edilene Soares Claudino, O retrato de Lampião, escrito por Cego Aderaldo, Cabra da peste escrito por Patativa do Assaré, entre outros, mantendo sempre o enfoque na cultura nordestina afim de que os pudessem compreender e identificar as características peculiares desse local e as dificuldades que as populações nordestinas apresentam, tais como: a seca, a pobreza extrema, a questão da terra, as disparidades sociais, entre outras.

Os resultados das ações foram positivos, uma vez que os alunos, participaram e foram capaz de compreender a mensagem que os folhetos queriam passar, alguns se identificaram com o texto trazido no cordel “o lamento do agricultor e sua família”, pois alguns passaram por isso, ou conhecem alguém que se viu obrigado a deixar seu lugar para ir em busca de novas oportunidades para viver melhor.

Ao fim, os alunos relataram que é fácil interpretar o cordel por ser uma linguagem simples, no entanto não entenderam as atividades curriculares como referentes a disciplina de história, pois para eles o divertido de fazer, não é visto como aprendizagem, pois estão presos na visão de que para ser ensino e aprendizagem tem que ser difícil, por isso Synerds chama a

atenção para a alegria na escola, para levar os alunos a estarem em constante alegria, que sintam-se felizes em aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar a proposta de Snyders, percebemos que o objetivo principal é levar o aluno, partindo de seus conhecimentos e sensibilidades, a interpretar de maneira única e individual a cultura que nós lhe propomos. O foco não é criar o novo, mas também não é se limitar a uma repetição mecânica do ensino.

O aluno tem uma personalidade única e é necessário incitá-lo a criar novos conhecimentos de acordo com suas possibilidades e desejos. O que devemos compreender é que os alunos já trazem consigo concepções formadas, que muitas vezes podem ser falsas, então, não basta somente dizer-lhes que são falsas, é preciso ajuda-los a desconstruí-las e compreender porque são falsas.

A didática constitui-se um processo em transformação, e na medida em que tenta dizer o que é a verdade ou não, levanta questões referentes às dificuldades de aprendizagem dos alunos e o porquê de não conseguirem aprender.

O que notamos é que a alegria na escola parece não está ao alcance de todos, principalmente daqueles que sofrem com dificuldades físicas e econômicas. Nesse sentido, a função da alegria na escola é dar-lhes a motivação para estudar.

Em suma, podemos notar, que apesar do pouco tempo de intervenção com a linguagem literária do cordel no contexto de sala de aula, mais especificamente nas aulas de história, gerou resultados significativos, pois os alunos se motivaram a buscar, analisar, construindo assim problematizações que leva a produção do conhecimento significativo e interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. M. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. Revista Fórum Identidades. 2008, ano 2, vol. 4, p. 103-109. Disponível em: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/SESSAO_L_FORUM_Pg_103_109.pdf. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMILLIS, L. S. Entrevista com Georges Snyders – Paris. **Revista Zero a Seis**. Florianópolis, no. 13, janeiro/junho, pp. 159-164, 2006.

CARVALHO, R. M. Georges Snyders: em busca da alegria na escola. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, n.32, v. 17, 1999.

FONSÊCA, Alexandre Vítor de Lima; FONSÊCA, Karen Sheron Bezerra. **Contribuições da literatura de cordel para o ensino da cartografia**. Disponível em: < [http://www.uel.br/revistas/ uel/index.php/ geografia/ article/ view/ 2357/ 2038](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2357/2038)>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A literatura de cordel e o ensino da história**. Universidade do Porto, Portugal: Artigo publicado no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2008.

JUNIOR, Antonio Carlos Dias. Breves apontamentos sobre a pedagogia crítica de Georges Snyders. **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 19, n. 197, Octubre de 2014. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com>>, acesso em: 01/09/2017.

LACERDA, Franciane Gama; NETO, Geraldo Magella de Menezes. Ensino e pesquisa em história: a literatura de cordel na sala de aula. **Revista Outros Tempos**, n. 10, dez. 2010. Disponível em: <[www.outrostempos.uema/ .../Franciane_Gama_Geraldo.pdf](http://www.outrostempos.uema/.../Franciane_Gama_Geraldo.pdf)>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

NADAI, Elza. **O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva**. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 99/ago. 93. Disponível em:< www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=30596>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

SANTANA, Bruna B. S. Interdisciplinaridade em sala de aula. Disponível em: < [http:// www.camarabrasileira.com/ cordel201.htm](http://www.camarabrasileira.com/cordel201.htm)>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e prática científica. In: **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez Editora, 23. ed. 8ª imp. 201.

SNYDRES, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Editora Manole Ltda, 1988. p.185-209. _____ . **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. **As Pedagogias Não-Diretivas**. In Conferencia: Jornadas Pedagógicas - Portugal 1982, Correntes Atuais da Pedagogia - Biblioteca do Educador Profissional, Porto Alegre, Livros Horizontes, 1984.

_____. **Pedagogia Progressista**, Lisboa/Portugal, Livraria Almedina, 1974.

_____. **?Es Possível Aplicar en Francia una Pedagogia Inspirada en Makarenko?**, Berlim, Alemanha, Educadores del Mundo, 13-5, 1988.